Poemas da paisagem a partir de colagens urbanas de Mari - PB

Maria Eloaynne Silva de Oliveira

Arquiteta e Urbanista formada pelo Centro Universitário UNIESP.

Email: eloaynneoliveira@gmail.com

Marcela Dimenstein

Doutora em Arquitetura e Urbanismo e professora do Centro Universitário UNIESP.

Email: mmarcelad@gmail.com

Resumo

Este estudo etnográfico consiste em uma errância urbana pela cidade de Mari, na Zona da Mata Paraibana. Assim como muitas outras cidades de pequeno porte do país, Mari enfrenta transformações urbanas que envolvem a perda de tradições e marcos históricos, além do surgimento de novas construções alinhadas à lógica capitalista globalizada. A errância urbana foi utilizada como recurso metodológico para capturar essas mudanças, empregando fotografia, colagens e poemas para expressar nossas percepções desse espaço em metamorfose. O objetivo principal é explorar as transformações da sua paisagem urbana a partir de experiências sensíveis vividas durante a errância, utilizando a criação de colagens e poemas como instrumentos de investigação e expressão. Serão apresentadas três colagens e três poemas autorais, os quais se revelaram como ferramentas poderosas para representar os sentimentos e sensações vividas no espaço, bem como para dar visibilidade aos principais aspectos identificados na cidade: transformação, sociabilidade e rurbano.

Palavras-chave: Transformações urbanas; etnografia; errância; sociabilidade; rurbano.

Landscape poems from urban collages in Mari - PB

Abstract

This ethnographic study consists of an urban wandering through the city of Mari, in the Zona da Mata region of Paraíba. Like many other small cities in the country, Mari is facing urban transformations that involve the loss of traditions and historical landmarks, as well as the emergence of new buildings aligned with the logic of globalized capitalism. Urban wandering was used as a methodological resource to capture these changes, employing photography, collages, and poems to express our perceptions of this metamorphosing space. The main objective is to explore the transformations of Mari's urban landscape based on sensitive experiences lived during the wandering, using the creation of collages and poems as instruments of investigation and expression. Three collages and three original poems will be presented, which proved to be powerful tools for representing the feelings and sensations experienced in the space, as well as for highlighting the main aspects identified in the city: transformation, sociability, and rurbanity.

Keywords: Urban transformations; ethnography; wandering; sociability; rurban.

Introdução

A presente etnografia consiste em uma errância urbana realizada pela cidade de Mari-PB, local de moradia de uma das autoras deste artigo. Mari está localizada na Zona da Mata Paraibana, a 74 km de João Pessoa. Seu surgimento remonta ao final do século XIX, a partir da construção de uma estrada de ferro, ao longo da qual se aglomerou a população local. Hoje conta com aproximadamente 22 mil habitantes e passa por diversas transformações urbanas e sociais relacionadas às características da vida contemporânea, como a perda dos costumes tradicionais, destruição dos marcos históricos e patrimoniais existentes, aparecimento de novas construções que apresentam uma estética globalizada, dentre outros.

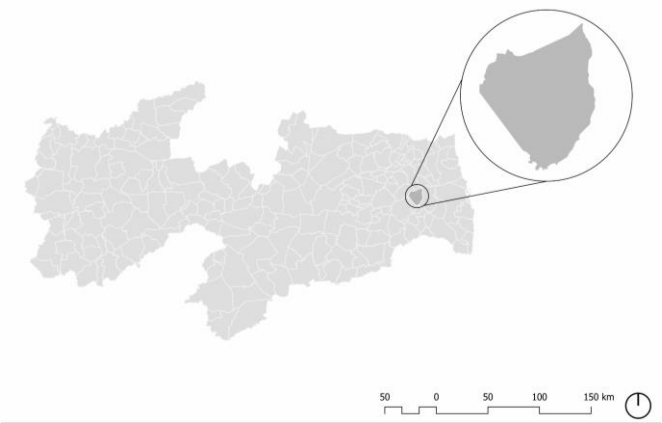

Figura 1: Mapa de localização do município de Mari na Paraíba. Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Figura 2: Imagem aérea de Mari (PB). Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Contudo, assim como diversas cidades de pequeno porte do país, ainda apresenta uma dinâmica urbana menos complexa, um ritmo de vida mais lento, escalas e formas de locomoção mais sustentáveis, além de um estilo de vida que promove uma aproximação entre os seus moradores. Logo, ainda é possível observar pessoas usufruindo de momentos de ócio nas calçadas, de um tempo vagaroso, manso

e contemplativo, bem como de interações sociais devido ao forte sentimento de comunidade que permanece.

Figuras 3, 4 e 5: Cenas cotidianas em Mari de conversas nas calçadas e contemplação da paisagem.
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Por ter nascido e me criado nesse local, conheço-a bem. Ando, observo, me perco e vivo a cidade intensamente captando suas paisagens com os sentidos, desfocando a consciência e redirecionando a atenção de idealizações visuais para estimular novas possibilidades. Por vezes me sinto confusa frente às transformações aceleradas, restando apenas absorvê-las. Propus-me a errar pela cidade, assim como Charles Baudelaire em Paris e João do Rio no Rio de Janeiro, apreendendo aos poucos e lentamente o que Mari dizia, à sua maneira.

A errância urbana, enquanto prática metodológica, tem se consolidado como uma forma sensível e crítica de aproximação com o espaço urbano. Inspirada na *dérive* situacionista proposta por Guy Debord (1997), essa abordagem envolve o deslocamento não planejado pela cidade, guiado pela imprevisibilidade dos encontros e pelas atmosferas urbanas, permitindo ao pesquisador captar as nuances da vida cotidiana e os afetos do espaço. Para Jacques (2006), a errância se configura como uma experiência estética e perceptiva, que rompe com os métodos cartesianos e propõe um conhecimento incorporado da cidade. Já Careri (2013) defende o caminhar como uma prática estética e crítica, capaz de produzir narrativas espaciais que escapam às representações tradicionais da cidade, revelando camadas simbólicas, históricas e afetivas dos territórios percorridos. A errância, portanto, não é apenas um modo de deslocamento, mas um dispositivo metodológico que favorece uma escuta atenta do território e abre espaço para a produção de narrativas visuais, poéticas e reflexivas sobre a cidade.

Neste estudo, a paisagem urbana é entendida não apenas como aspecto visual da cidade, mas como um campo sensível, construído na relação entre corpo, território, memória e transformação. Trata-se de uma experiência vivida, onde o olhar é atravessado por afetos, ritmos e histórias. Para Carlos (2004), a paisagem sintetiza o visível e o vivido, expressando práticas, relações sociais e marcas do tempo no espaço. Já Milton Santos (1998) a define como "a materialidade visível do espaço", resultado das ações humanas e expressão de suas contradições. A partir dessa perspectiva, a paisagem ultrapassa o que se vê: ela é percebida, sentida e elaborada pelas vivências cotidianas. Logo, caminhar, observar e se deixar afetar tornam-se formas legítimas de leitura urbana.

Utilizei a fotografia nos trabalhos de campo, o que segundo Novaes (2014) "instiga o olhar e de certo modo implica uma desnaturalização do olhar". As imagens foram registradas com o uso de um celular, reforçando o caráter espontâneo e acessível do processo. A pesquisa, que teve duração de um ano, é parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de uma das autoras e está inserida em uma investigação mais ampla sobre a errância urbana em uma cidade de pequeno porte. Portanto, meu objetivo principal foi explorar as transformações da paisagem urbana de Mari a partir de experiências sensíveis vividas durante a errância, o que gerou a criação de três colagens e três poemas como instrumentos de investigação e expressão.

Sempre tive facilidade em escrever poemas. Sinto que assim consigo dizer tudo aquilo que percebo, o que me incomoda e o que adoro. Contudo, desde que iniciei minha graduação em Arquitetura e Urbanismo, percebo que as minhas palavras não são suficientes para o entendimento dos lugares. É preciso complementá-lo com imagens, mapas, diagramas...Assim, escolhi a colagem como complemento não verbal do meu olhar a respeito da paisagem de Mari. As colagens foram elaboradas digitalmente, com o uso do software Adobe Illustrator, permitindo a sobreposição de imagens e texturas de forma intuitiva e subjetiva. Colagens são representações feitas com a superposição de imagens ou materiais diversos, agrupados com uma intenção subjetiva da realidade ou da ficção. Essas composições podem ser feitas digitalmente ou fisicamente, possuem o benefício da dispensabilidade de técnicas artísticas e da facilidade de criação (Fuão, 2011). Para Forneck *et al* (2018), são uma excelente alternativa para representar as experiências urbanas, uma vez que se pode expressar os sentimentos e variados aspectos vivenciados.

Durante as errâncias, algumas palavras se tornaram recorrentes ao ver a realidade atual e a realidade que um dia vivi: **transformação** de tudo e todos, mediante novas formas de viver, de lazer, de socializar, além dos novos espaços que surgem em detrimento de locais que sempre estiveram cravados na boca dos moradores mais antigos; **sociabilidade**, como principal atividade diária é algo mágico, que me enche de esperança e conforto, muitas vezes relacionadas o cenário **rurbano** da cidade, ou seja, em alguns momentos sinto a globalização chegando, em outros sinto que a cidade ainda está no seu passado rural, com animais na rua, hortas e plantações por todo lado.

A seguir, apresentamos os resultados dessa experiência como ferramenta de imersão e diagnóstico do lugar, ajudando a expressar sentimentos nesse contexto de transformações urbana.

Transformação

De acordo com Spósito e Silva (2013), nas últimas décadas, as cidades de pequeno porte têm passado por processos de modernização que ampliam a influência do modo de produção capitalista nesses locais. Esse fenômeno é evidenciado tanto por mudanças denominadas como "desenvolvimento", quanto pela expansão de tecnologias e infraestruturas de comunicação e transporte. Além disso, observa-se a implementação de estruturas voltadas à transformação do espaço urbano, mantendo uma lógica de reprodução das relações sociais e econômicas (Carlos, 2004).

As transformações urbanas, no entanto, não se restringem às alterações morfológicas do espaço. Elas implicam reconfigurações nas formas de habitar, nas dinâmicas sociais e nas paisagens simbólicas das cidades. Para Lefebvre (2001), o espaço urbano é constantemente produzido e reproduzido pelas práticas sociais, atravessado por contradições entre os interesses do capital e os usos cotidianos da

população. Essas tensões tornam-se particularmente visíveis em cidades de pequeno porte, onde a urbanização tende a ocorrer de forma abrupta e descolada das especificidades locais. Segundo Rolnik (2015), essas dinâmicas revelam a expansão do urbanismo neoliberal, que redefine o território segundo lógicas mercadológicas, impactando modos de vida e vínculos comunitários. Assim, a urbanização deixa marcas não apenas na configuração física da cidade, mas também nas subjetividades e no tecido social, tornando a paisagem urbana um reflexo sensível dessas disputas.

Correia (2015) observa que esse crescimento urbano raramente é acompanhado por planejamento ou preocupação socioambiental. Como consequência, surgem conflitos e contradições que transformam as formas de vida e as referências simbólicas no espaço. Foi a partir dessas inquietações que construímos o primeiro poema e colagem deste trabalho, intitulado "**Transformações por toda parte**".

Durante as errâncias urbanas, entre diferentes sentimentos, o medo se mostrou persistente — não o medo da insegurança física, mas o receio de perder todas as referências afetivas e de relação com aquele espaço no futuro. Um medo de apagamento da memória, da transformação do lugar em algo impessoal. Ao caminhar por uma das ruas principais de Mari, passo em frente ao Cassino Bola 07, um marco na história da cidade, recentemente demolido para dar lugar a um shopping popular. Também me impressiona a proliferação de loteamentos nas bordas, com arquiteturas distintas e novos modos de lazer voltados ao interior das casas, fragmentando o uso das ruas. Diante dessas mudanças, me pergunto: como será o futuro?

Transformações em toda parte

Transformações em toda parte,
Em cada esquina da cidade,
Não quero ser pessimista, apenas
Me assustei quando os homens
Do cassino sumiram
Da minha vista e
Em lugar algum os encontrei.

Loteamentos sendo edificados,
Uma arquitetura contemporânea
Que nega o nosso presente-passado
Aquele onde os moradores estavam
Sempre assentados, nas calçadas,
Conversando com as vizinhas do lado.

Quase como animais enjaulados,
Agora não há gente nem cadeiras,
É preciso olhar para cima caso queira
Vê-las, no alto da sacada, o cumprimento
Soa até de forma grosseira.
Antes era apenas um: "opa!"
Um aceno com a cabeça.
Agora tem que se olhar
Para cima, a varanda
Esperando que também nos vejam.

Não é tão alto, eu sei.
É que eu estava acostumada
A ver tão de perto
Que um pouquinho longe
Me assustei,
E agora? Como pego a cana?
Como mostro a revista, ou o sapato
Que comprei?
Estou com medo da mudança,
Do que pode acontecer
De um dia enxergar minha cidade
E não a reconhecer.

É um misto de sentimentos
Que não consigo conter
Sempre sonhei com um shopping center
Na cidade, desde antes a minha mocidade
Mas agora estou nesse impasse
Sinto a cidade que conheço

Se desfazendo

As referências que eu tinha se perdendo
E não consigo entender,
Eu sei que para muitos pode parecer bom,
Mas não consigo esconder
Estou com medo da mudança,
Do que pode acontecer
De um dia enxergar minha cidade
E não a reconhecer.

Figura 6: Colagem transformações em toda parte, que mostra o antigo cassino de Mari recentemente demolido para construção de um shopping popular. Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Sociabilidade

Segundo Fernandes (2018), a natureza intrínseca do ser humano é de se relacionar com os outros e a busca por interações sociais é uma necessidade fundamental para encontrar significado na existência. É no espaço urbano onde essas relações são estimuladas justamente pela intensidade em que os encontros entre os mais diferentes grupos acontecem.

A sociabilidade urbana pode ser entendida como um conjunto de interações cotidianas que ocorrem nos espaços públicos e semipúblicos da cidade, constituindo formas de convivência, reconhecimento e pertencimento entre os sujeitos. Simmel (1967) já destacava a cidade como um cenário privilegiado para a emergência de encontros múltiplos e diferenciados, onde a diversidade social promove formas específicas de aproximação e distanciamento. No entanto, essa convivência é moldada pelas transformações do espaço urbano e pelas lógicas socioeconômicas em curso. Segundo o autor, os espaços públicos possibilitam o surgimento do "mundo do estranhamento civilizado", onde a coexistência entre diferentes pode ocorrer de forma pacífica, mas também tensa. Em contextos marcados pelo avanço do individualismo e da mercantilização das relações sociais, como aponta Bauman (2004), observa-se o enfraquecimento dos vínculos de solidariedade e a intensificação de relações fugazes e utilitárias. Nas cidades de pequeno porte, embora ainda persistam formas de sociabilidade baseadas na proximidade, reconhecimento e reciprocidade — como descreve Fernandes (2018) —, também se evidenciam conflitos entre pertencimento e vigilância, afeto e controle, familiaridade e exposição. Esse entrelaçamento contraditório é constitutivo das formas de viver o espaço e interagir nas pequenas cidades contemporâneas.

Contudo, em meio ao capitalismo globalizado, uma nova dinâmica vem se tornando parte do cotidiano das pequenas cidades, que resulta em ruptura social (Correia, 2015). As interações humanas tornam-se rápidas e superficiais, levando à perda dos laços de solidariedade e coletividade. Bauman (2004) observa que esse processo leva ao desaparecimento dos valores humanos essenciais e à prevalência da competição sobre a cooperação. Em Mari, assim como diversas outras pequenas cidades, a sociabilidade é marcada por uma proximidade entre as pessoas que se conhecem e são reconhecidas por suas características como origem familiar, cargos, sobrenomes ou ações. Isso cria um ambiente marcado por relações de solidariedade e reciprocidade obrigatórias.

Esse foi o tema do segundo poema e colagem, intitulados "**Quem é ela que me vê?**", que foca na linha tênue entre o incômodo e o conforto do processo de sociabilidade diária em uma cidade pequena e interiorana. Algo muito comum em Mari é a sensação de estar sendo constantemente observado. A disponibilidade de tempo dos moradores para a observação da vida social é bastante grande. Os olhos vigilantes estão em toda parte, podendo ser vivenciado na pele o que Jane Jacobs em 1960 chamava de "Olhos da rua", ou seja, olhos vigilantes que estão sempre observando e controlando o espaço, funcionando como alerta de perigo ou mantendo a comunidade ativa e protegida.

Esses olhos podem trazer uma sensação reconfortante de reconhecimento e pertencimento, fazendo com que o indivíduo se sinta amparado, acolhido e parte de algo maior — um corpo coletivo que cuida e zela pelo bem-estar de seus membros. Essa vigilância comunitária muitas vezes funciona como uma rede de proteção, promovendo segurança e coesão social, principalmente em contextos em que as relações interpessoais são intensas e duradouras. No entanto, essa mesma sensação de estar constantemente observado carrega consigo um peso invisível e persistente: a perda da privacidade. Essa vigilância quase onipresente torna-se um limite sutil entre a convivência social e a invasão da liberdade individual, gerando uma tensão permanente entre o conforto da proteção e a angústia de estar exposto. Pensamentos como "Como escapar dos olhos de Dona Maria?" e "Graças a Deus Dona Maria está aqui" refletem esse vai e vem de emoções — ora a permanência nos espaços públicos se justifica pela crença na segurança que a presença dos vizinhos oferece, ora surge a irritabilidade por se sentir constantemente sob o olhar atento, como se estivesse sendo filmado por "câmeras" urbanas informais.

Essa dualidade revela a complexidade das sociabilidades urbanas em cidades pequenas, onde a linha entre vigilância e cuidado, pertencimento e controle, é tênue e muitas vezes conflituosa.

Quem é ela que me vê?

Quem é ela que me vê?
Quem é ela que sempre está lá?
Quem é ela que me conhece?
Que sabe onde vou parar?

Quem é ela que sabe meu nome
Sem sequer me perguntar
Que sabe aonde vou e
Que horas irei voltar?

Quem é ela que me vigia?
Que me olha todo dia
Do sair ao chegar
Quem é ela que conhece
A todos, que vigia a todos
Que nos conhece bem?

Quem é ela que me vê?
Que nunca consigo me esconder...
Quem é a vigia das ruas
Que me persegue e me mantém segura?

Figura 7: Colagem Quem é ela que me vê, que mostra a sensação de estar sendo vigiado constantemente.
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Rurbano

Por fim, um aspecto que se destacou com clareza durante as errâncias urbanas foi o entrelace complexo e dinâmico entre o mundo urbano e o mundo rural. Essa relação estreita e porosa faz com que as fronteiras tradicionais entre o rural e o urbano, antes vistas como claramente delimitadas, tornem-se progressivamente borradas e difíceis de serem definidas com precisão. Conforme aponta Souza (2009), esse antagonismo clássico, que antes organizava e explicava as diferenças entre esses espaços, parece estar em processo de dissolução. O crescimento das cidades, especialmente aquelas de pequeno e médio porte, contribui para essa condição ao expandir seus limites físicos e sociais, integrando áreas outrora rurais ao tecido urbano. Paralelamente, a ampliação das redes de transporte, a difusão dos meios de comunicação e as transformações rápidas nas relações de trabalho, principalmente na agropecuária, promovem uma maior conexão e intercâmbio entre esses espaços, dificultando a manutenção das características socioculturais tradicionais do rural (Correia, 2015). Essa interpenetração revela territórios híbridos, onde modos de vida, práticas culturais e paisagens se mesclam, exigindo uma nova compreensão das cidades contemporâneas e das suas múltiplas identidades territoriais.

O conceito de **rurbano** surge como uma tentativa de compreender os territórios em que as fronteiras entre rural e urbano se diluem, dando lugar a formas híbridas de ocupação, sociabilidade e paisagem. Segundo Haesbaert (2006), não se trata de uma simples justaposição entre elementos do campo e da cidade, mas de uma zona de interpenetração, em que os modos de vida, as práticas espaciais e as representações sociais revelam uma convivência entre tempos e lógicas distintas. Esse entrelaçamento é intensificado por processos como a expansão das redes de transporte, a popularização da tecnologia da informação e a redefinição das atividades produtivas no campo, que aproximam o rural do urbano sem que um se anule no outro. Para Cimadevilla (2010), a ideia de rurbanidade contribui

para romper com a visão dicotômica e hierarquizada entre cidade e campo, permitindo reconhecer os múltiplos arranjos sociais e espaciais que configuram os territórios contemporâneos, especialmente em cidades pequenas e médias.

Portanto, o conceito de rurbano se mostra particularmente adequado para compreender as situações intermediárias que desafiam a tradicional dicotomia entre o rural e o urbano. Durante os trabalhos de campo, foi possível identificar e vivenciar simultaneamente aspectos característicos tanto do modo de vida rural quanto do urbano, presentes tanto na paisagem quanto nas práticas sociais cotidianas dos moradores. Essa coexistência híbrida e fluida inspirou a criação do terceiro poema e colagem, intitulados "**Entre carros e cavalos**".

A colagem tenta captar as sensações contraditórias de uma identidade ambígua — o desejo de se afastar da ruralidade, mas a constatação inevitável de que ainda se está muito ligado a ela, configurando um "rural urbanizado". A presença dos animais circulando livremente pelas ruas da cidade permanece vívida na minha memória, não apenas nas áreas periféricas, mas também no centro e na movimentada feira. Durante as caminhadas, o contraste entre os cenários se tornou claro: de um lado, uma área fortemente marcada pela ruralidade, com suas práticas e ritmos mais lentos; do outro, sinais de desenvolvimento acelerado, ritmo urbano intenso e uma sociabilidade frenética. Essa dualidade revela que a cidade vive uma divisão interna, oscilando entre a calmaria e a velocidade, entre o tradicional e o moderno. É, ao mesmo tempo, um espaço de carros e de cavalos, um território onde o rural e o urbano se entrelaçam e coexistem de maneira complexa e ambivalente.

Entre carros e cavalos

É como voltar
Ao passado e ver
Seu Bomboim guardar
O gado

Caminhar e ver cavalos
Bois sendo trazidos e levados
Um modo de vida pacato
Que Mainha não me ouça dizer
Lembro quando via os bois
De longe e logo ia se esconder
Me pergunto como pode

O que faz isso acontecer?

Dois modos de vida
Se misturando
No ato de apenas ser
Entre automóveis e gados

Vou registrando sem tato
Com o olhar ou o olfato,
E até a audição, capturando
Essa junção de modo equilibrado

Entre carros e cavalos
E os rastros por eles deixados
Do rural urbanizado
Do rurbano gerado

Sem nenhum ser descartado
Em meio a despretensão
Os vejo resistindo,
Persistindo em união

Meu coração está aquecido
Sempre que os vejo vindo
Recordando a infância
E os momentos vividos

Quando queria ter um igual,
Quando os meninos vinham do sítio
Em direção à vaquejada
E na linha do trem os esbarrava

É a sensação de estar

Em casa, de torcer
De não querer ver
Esta realidade escassa

É a sensação de estar
Em casa, de torcer
Para não ver
Esta realidade escassa.

Figura 8: Colagem Entre carros e cavalos, que mostra dois modos de vida acontecendo ao mesmo tempo.
Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Considerações finais

As intensas transformações que atingem as cidades brasileiras de pequeno porte e suas reverberações no que diz respeito às sociabilidades, dinâmicas cotidianas e à paisagem urbana motivaram a realização deste estudo, que teve como foco uma cidade do interior da Paraíba. Como estratégia metodológica optou-se por realizar uma etnografia, mais precisamente, a errância urbana, visando capturar essas mudanças e expressar as percepções desse espaço em metamorfose. Através de colagens e poemas autorais, expressamos os sentimentos e sensações vividas no espaço, bem como deu-se visibilidade aos principais aspectos identificados na cidade: transformação urbana em curso, sociabilidades tradicionais e permeabilidade entre o mundo rural e urbano.

A combinação entre vivência, expressão poética e visual permitiu acessar dimensões da cidade que escapam a abordagens mais técnicas. Colagens e poemas mostraram-se ferramentas eficazes não apenas para registro, mas como dispositivos de elaboração e comunicação de um olhar subjetivo e situado sobre a paisagem. Além disso, ao evidenciar a coexistência de temporalidades distintas e modos de vida híbridos entre o rural e o urbano, o tradicional e o moderno, a pesquisa aponta para a complexidade das cidades pequenas, frequentemente invisibilizadas nas narrativas sobre o desenvolvimento urbano.

Por fim, o estudo reforça a importância de pensar a cidade não apenas a partir de seus elementos físicos ou funcionais, mas como paisagem vivida e imaginada. Incorporar a linguagem poética e visual como forma de conhecimento amplia as representações possíveis sobre a cidade e reafirma a potência do sensível como via legítima de leitura e crítica urbana. Espera-se que essa experiência contribua para outras formas de pensar e produzir conhecimento, sobretudo em cidades marcadas por transformações e complexas camadas de significado. Reconhecem-se, contudo, limites como o caráter subjetivo da experiência, que pode restringir a abrangência analítica e dificultar a replicabilidade. Por se tratar de um recorte pessoal e situado, a leitura não pretende esgotar a complexidade do território, mas abrir caminhos para novas formas de escuta e representação do urbano em transformação.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: O caminhar como prática estética**. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CIMADEVILLA, Gustavo. La cuestión rurbana: apuntes para una entrada comunicacional. **In: Intercom –Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 73-85, jul./dez. 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** São Paulo: Contraponto, 1997.

FERNANDES, Pedro. A vida social e a sociabilidade na pequena cidade de Nova Tebas (PR). **Geografia em questão.** v.11, n. 01, 2018.

FORNECK, Vanessa *et al.* A produção de mapas cartográficos com relação à ética na fronteira Brasil-Uruguay. **PIXO - revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade,** v. 2, p. 142-153, 2018. Disponível em: https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/1538

FUÃO, Fernando Freitas. **A colllage como trajetória amorosa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim do território" à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LEFEBVRE, Henry. **A produção do espaço.** São Paulo: Loyola, 2001.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JACQUES, Paola. Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade. In: **JEUDY, H.; JACQUES, P. (Org.). Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais.** Salvador: EDUFBA, 2006.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de arte e antropologia**, v. 3, nº 2, p. 57-67, 2014.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS. Milton. O retorno do território. In: **SANTOS, M; SOUZA, M; SILVEIRA, M. Território: Globalização e Fragmentação.** São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. **In: VELHO, O. (org.). O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

SOUZA, Gisela Barcelos de. Paisagens rurbanas: tensão entre práticas rurais e valores urbanos na morfogênese dos espaços públicos de sedes de municípios rurais. Um estudo de caso. **Sociedade & Natureza**, 21(2), 181-192, 2009.

SPOSITO, Eliseu Savério; SILVA, Paulo Fernando Jurado da. **Cidades Pequenas:** perspectivas teóricas e transformações socioespaciais. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

WANDERLEY, M. C. **Rurbanidade e as novas configurações territoriais.** Cadernos Metrópole, 3(5), 29-44, 2001.